

ESTUDOS DO FEMINISMO NEGRO NAS AMÉRICAS E NO CARIBE: UM PROJETO DE ANTOLOGIA

**Diarenis Calderón Tartabull, Makeba Lavan, A. Tito Mitjans Alayón,
Violeta Orozco Barrera, Conor Tomás Reed, and Layla Zami**
Traduzido por Valéria Araújo

[Este ensaio contém a transcrição de uma apresentação para o simpósio LAPES, de 4 de junho de 2022, sobre a antologia emergente *Black Feminist Studies in the Americas and the Caribbean (Estudos do Feminismo Negro nas Américas e no Caribe)*, bem como o contexto suplementar. Os comentários foram compartilhados por A. Tito Mitjans Alayón, Violeta Orozco Barrera, Conor Tomás Reed e Layla Zami em nome de toda a equipe editorial. Para um simpósio sobre Pedagogias Feministas, ficamos muito alegres em poder destacar nosso trabalho de reunir e reativar esses vastos registros de pedagogias feministas Negras em todo o Hemisfério Ocidental.]

A. Tito Mitjans Alayón [falado em Espanhol]: Existem inúmeros esforços para antologizar o pensamento feminista e alguns trabalhos sobre o pensamento Feminista Negro. Por exemplo, uma das antologias mais famosas e poderosas é *All the Women Are White, All the Blacks Are Men, But Some of Us Are Brave: Black Women's Studies (Todas as Mulheres São Brancas, Todos os Negros são Homens, Mas Alguns de Nós Somos Bravos: Estudos sobre as Mulheres Negras)*, publicada em 1982.¹ Esse livro abriu caminho para outras compilações sobre o pensamento de feministas de cor nos Estados Unidos. *This Bridge Called My Back (Essa Ponte Chamada Minhas Costas)* é uma delas.² E mais contemporaneamente, a publicação de Still Brave, de 2009: *The Evolution of Black Women Studies (A Evolução dos Estudos sobre Mulheres Negras)*.³ O poder desses textos reside no fato de terem sustentado a produção artística, intelectual e acadêmica de mulheres Negras ao longo do tempo, apesar do constante exercício violento de epistemicídio a que esse campo de conhecimento é submetido. Devo dizer do meu “lugar de enunciação” que esses livros me abriram as portas para outras leituras e para o reconhecimento de outras epistemologias que

1 → Akasha (Gloria T.) Hull, Patricia Bell Scott, and Barbara Smith, eds., *All the Women Are White, All the Blacks Are Men, But Some of Us Are Brave: Black Women's Studies* (New York, NY: Feminist Press, 1982).

2 → Cherríe Moraga and Gloria Anzaldúa, eds., *This Bridge Called My Back: Writings by Women of Color* (New York: Kitchen Table: Women of Color Press: 1983).

3 → Stanlie M. James, Frances Smith Foster and Beverly Guy-Sheftall, eds., *Still Brave: The Evolution of Black Women's Studies* (New York: Feminist Press, 2009).

transcendem o formato da escrita e da academia.⁴

No entanto, em espanhol, só me lembro de uma antologia publicada pela editora espanhola *Traficantes de Sueños: Feminismos Negros: Una Antología (Feminismos Negros: Uma Antologia)*, compilada por Mercedes Jabardo.⁵ Além dessa obra, só me lembro de belas antologias de poesia de mulheres Negras como *Black Poetry of America Anthology (Antología da Poesía Negra da América)*, publicada em Cuba pela editora estatal Arte y Literatura,⁶ e *Anthology of Afro-Colombian Women Poets (Antología de Mulheres Poetisas Afro-colombianas)*, editada por Alfredo Ocampo Zamorano e Guiomar Cuesta Escobar.⁷ Ou seja, o esforço editorial de compilar as diferentes formas de pensamento feminista Negro nas Américas em Espanhol ainda é um exercício acadêmico e intelectual distante.

Por isso, nos propusemos a realizar este projeto feminista Negro, reunindo em um só livro inúmeras vozes, obras, poesias, ensaios, produções acadêmicas e intelectuais de mulheres Negras, cis, trans e não binárias das Américas e do Caribe.

Quero começar citando algumas das dificuldades existentes para a realização desse trabalho na América Latina e no Caribe hispânico. Ao contrário dos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, onde feministas Negras abriram caminho para espaços acadêmicos, criando campos como Estudos sobre interseccionalidade e editoras independentes como *Kitchen Table*, no hemisfério sul – devido ao sucesso da *mestizaje* – as políticas de democracia racial efetivamente diminuíram e eliminaram a necessidade epistêmica de bolsas de estudos contemporâneas para o pensamento feminista Negro. Como a academia está sob o domínio quase exclusivo das elites brancas mestiças cisgêneras e heterossexuais, consideramos necessário destacar o que tem sido o lugar de enunciação de outras

4 → Djamilia Ribeiro, *Lugar de enunciación*, translated by Aline Pereira da Encarnação (Madrid: Ediciones Ambulantes, 2020).

5 → Hazel Carby, Angela Yvonne Davis, and Patricia Hill Collins, eds., *Feminismos Negros: Una Antología*. (Madrid, Spain: Traficantes de Sueños, 2012).

6 → Mónica Manssur, ed., *Identidades: Poesía Negra de América. Antología*. (La Habana, Cuba: Arte y Literatura, 2011).

7 → Alfredo Ocampo Zamorano and Guiomar Cuesta Escobar, eds., *Antología De Mujeres Poetas Afrocolombianas* (Bogotá: Ministerio de Cultura, 2010).

formas de circulação do conhecimento.

Para quem o feminismo Negro local é fundamental? Quem tem os recursos para publicar, editar, traduzir e divulgar obras literárias e livros acadêmicos? A mesma elite branca mestiça que mencionei anteriormente. Por isso, o feminismo Negro nas academias latino-americanas foi por muitos anos apresentado especificamente como algo produzido e incorporado no Norte Global. Essa foi uma estratégia de desterritorialização para apagar a produção feminista Negra regional e, assim, manter a hegemonia branca e heteronormativa nos espaços editoriais acadêmicos e intelectuais.

A antologia que propomos não é uma ideia nova, no entanto, é um esforço pioneiro para recuperar o trabalho das feministas Negras na *América Ladina*, usando o termo de Lelia González. É também um esforço para entender a América Latina e o Caribe como regiões coconstitutivas que se formaram a partir do colonialismo, do sistema de plantação, da escravização africana, das formas de resistência dos povos Negros e Indígenas e da permanência da supremacia branca disfarçada de *mestiza*. Essas regiões dialogam profundamente e se espelham, mas não a partir do olhar geográfico da América Latina consumindo o Caribe e só pensando e falando dele como exceção e pobreza extrema.

Além disso, em nosso projeto editorial não buscamos sistematizar e coletar as obras presas aos rótulos de estados-nação. Sabemos que as experiências Negras deste lado do Atlântico não podem ser compreendidas por extrativistas, identidades nacionalistas construídas a partir da desumanização, monstrosidade e criminalização das pessoas Negras para manter intactas essas hierarquias raciais.

Por outro lado, o trabalho busca resgatar o valor da tradição do pensamento feminista Negro do passado, não apenas para valorizar o trabalho de nossas ancestrais, mas para traçar uma linha epistêmica da construção do conhecimento feminista Negro nas Américas e no Caribe e colocar nossas ancestrais queer no centro. Ao fazê-lo, recuperamos e antologizamos o pensamento contemporâneo de lugares onde acreditavam que nunca

sobreviveríamos, usando as palavras de Audre Lorde, como no caso do México e suas políticas anti-Negras de desterritorialização. Ao virar o mapa de cima para baixo e olhar o Sul como o novo destino, estamos *blackening* (*enegrecendo*) a terra através do trabalho de intelectuais Negras brasileiras como Lélia Gonzalez. Além disso, é necessário destacar neste trabalho, que está em processo e em plena floração, a compilação do pensamento feminista Negro sobre as lutas pela terra e pela mãe Terra a partir da voz de Francia Márquez.

Buscamos continuar o trabalho de romper o sistema binário de gênero ocidental e suas lógicas racionais. Fazemos isso por meio do exercício do Afrofuturismo cotidiano, colocando no centro desta antologia a produção de mulheres trans Negras, pessoas Negras não binárias e travestis Negras, porque essas pessoas são o futuro e por isso estão sendo mortas.

Com a coleção, esperamos contribuir, o quanto for possível, para sanar as consequências do epistemicídio colonial com suas estratégias de eliminação e invisibilidade dos diversos tipos de criações intelectuais e políticas – acadêmicas, poéticas, ensaísticas, literárias, testemunhais, artísticas – de mulheres Negras, pessoas trans e não binárias. Nos interessa, portanto, destacar as diferentes formas de produção de conhecimento que transcendem ou são alternativas à academia e que se apresentam em formatos artísticos e/ou ensaísticos, por isso a diversidade das formas de apresentação dos referidos trabalhos.

Conor Tomás Reed [falado em Inglês]: *Black feminist studies* (*Estudos do Feminismo Negro*) nas Américas e no Caribe são vastos, mas muito pouco contextualizados em suas situações geo-históricas específicas, e raramente são traduzidos para Inglês, Kreyol/Francês, Espanhol e Português e publicados juntos. Se a libertação feminista Negra (e, portanto, anti-Negritude, misoginia, heterossexismo, transfobia e gordofobia) é um fenômeno hemisférico e global, como isso está sendo traduzido nesses diferentes contextos? Como parte das atuais iniciativas descoloniais, como os estudiosos e

trabalhadores culturais dos Estados Unidos e do Canadá podem colocar em primeiro plano os escritos de feministas Negras no Caribe e na América Latina? Esses estudos não são monolíticos, abrangem uma variedade de disciplinas (como antropologia, geografia, literatura, filosofia, abolição da prisão), bem como formatos (como ensaios, ficção, poesia, canções, testemunhos) destacados nas seleções da antologia.

Essa antologia visa particularmente traduzir e fazer circular vozes feministas Negras não anglófonas que são silenciadas pelos fluxos do mercado de publicações que operam dentro dos sulcos do colonialismo estabelecidos há muito tempo. Embora as obras de Angela Davis, Bell Hooks e Audre Lorde sejam traduzidas e publicadas no Caribe e na América Latina, raramente escritories não anglófonos, Afro-caribenhos ou Afro-latinos são traduzidos e publicados nos Estados Unidos e no Canadá. Enquanto isso, a poesia de M. NourbeSe Philip e Dionne Brand, ambas nascidas em Trinidad e Tobago, têm circulado mais amplamente, em parte, devido à atual residência das autores no Canadá. Embora seus escritos abordem o papel da poesia como exumação e promoção de feminista transnacional *underground*, respectivamente, apenas leitories anglófonos se beneficiaram dessas intervenções.

Os movimentos anticolonial, feminista, internacionalista e terceiro-mundista dos últimos sessenta anos têm trabalhado para reverter o fluxo de palavras, publicando em inglês as obras de escritoras Afrodescendentes como Nancy Morejón (Cuba), Jamaica Kincaid (Antígua), Edwidge Danticat (Haiti) e Denise Ferreira da Silva (Brasil). Curiosamente, uma escritora canônica como Lélia Gonzalez (Brasil) tem apenas alguns pequenos trabalhos traduzidos para o Inglês, mas foi homenageada por um Google Doodle em fevereiro de 2020 e citada por Angela Davis como fundamental para sua obra. Davis observou em um discurso em São Paulo em 2019: “Sinto-me estranha quando sou escolhida para representar o feminismo Negro. E por que aqui no Brasil você precisa procurar essa referência nos Estados Unidos? Acho que aprendi mais com Lélia Gonzalez do que você poderia aprender comigo”. Nossa antologia trabalha através

dessas tensões de (não) familiaridade que são necessárias para o intercâmbio intelectual e a construção da teoria/movimento feminista Negro transnacional.

Nossa decisão de publicar uma antologia quadrilingue aborda as barreiras linguísticas que ainda existem, mesmo dentro da ilha. Por exemplo, a obra da escritora haitiana de língua inglesa Edwidge Danticat foi traduzida para o Francês e o Italiano, mas não para o Espanhol —dificultando a absorção de sua sabedoria pelas feministas Afro-dominicanas. A escritora martinicana Suzanne Césaire mantém uma posição semelhante— seu trabalho agora está sendo adotado por leitores da língua Inglesa, mas não Portuguesa ou Espanhola, enquanto seus escritos sobre antifascismo, folclore e surrealismo seriam de valor inestimável para todo o hemisfério. Da mesma forma, os escritos da trabalhadora brasileira defensora dos direitos humanos Marielle Franco, assassinada em 2018, foi traduzida seletivamente para Inglês e Espanhol, mas não para Francês — apesar do fato de que países francófonos do Caribe, como o Haiti, sofreram recentemente ataques semelhantes direcionados a políticos.

Essa necessidade de troca textual também é indicada por uma escassez de informações contextuais, mesmo quando as obras são traduzidas. Por exemplo, os escritos de Audre Lorde estão atualmente em um *boom* de circulação no Caribe e na América Latina em vários grupos feministas, Indígenas e anti-imperialistas. As análises de Lorde sobre interseccionalidade, autorreflexão rigorosa e aprendizado através das diferenças estão sendo reivindicadas por uma geração de mulheres Negras e pessoas não binárias nessas regiões. No entanto, poucos sabem de suas experiências como professora na *City University of New York*, que moldaram diretamente seus ensaios e sua poesia, e que sua obra biomiotográfica traduzida para o espanhol *Zami: A New Spelling of My Name (Zami: Uma Nova Grafia do Meu Nome)* cobre apenas as duas primeiras décadas de sua vida.⁸ Além disso, o trabalho das co-professoras de Lorde

8 → Audre Lorde, *Zami: A New Spelling of My Name* (Trumansburg, NY: Crossing Press, 1982). See also Conor Tomás Reed, *New York Liberation School: Study and Movement for the People's University* (Brooklyn: Common Notions, 2023).

– como Toni Cade Bambara, Barbara Christian e June Jordan – que também contribuíram para o surgimento dos *Black Women's Studies* (Estudos sobre a Mulher Negra), é praticamente desconhecido por leitorias franceses, portugueses e espanhóis.

Ao situar essas escritoras em um contexto histórico concreto, professoras feministas Negras, organizadoras e suas cúmplices não-Negras podem aprender sobre as predecessoras das arquitetas do *Black Women's Studies*, como Barbara Smith e Beverly Guy Sheftall, enquanto aplicam suas lições pedagógicas em novas arenas de luta e cura hemisférica. Nós nos inspiramos em antologias feministas Negras canônicas e recentes, como *The Black Woman (A Mulher Negra)*, *But Some of Us Are Brave (Mas Alguns de Nós Somos Bravos)*, *This Bridge Called My Back (Essa Ponte Chamada Minhas Costas)*, *Homegirls*, *Black Futures (Futuros Negros)*, *Daughters of the Diaspora (Filhas da Diaspora)*, *The Afro-Latin@ Reader (Leitor@ Afro-Latin@)*, *¡Negras Somos!: Women Warriors of the Afro-Latina Diaspora (Negras Somos: Mulheres Guerreiras da Diaspora Afro-Latina)*, entre outras. Essa antologia revitaliza as cumplicidades de liberdade há muito praticadas entre pessoas Africanas e Indígenas nas Américas e no Caribe.

A inspiração para este projeto coincidiu com a participação do coletivo editorial na ascensão dos movimentos *#BlackLivesMatter* (VidasNegrasImportam) *#SayHerName* (DigaONomeDela) e *#NiUnaMenos* (Nem Uma A Menos), e nossas respectivas bolsas de estudos sobre as formações iniciais de *Black Women's Studies*, organização Afro-queer e trans cultural no Caribe, Afro-futurismo, performance e/como memórias culturais, *testimonios* e antologias Latinas. Nós construímos sobre essas colaborações orgânicas.

Essa antologia também é profundamente significativa para as atuais lutas feministas e projetos de coalizão porque conecta os feminismos Afrodescendentes e Indígenas, que muitas vezes estão isolados nas ciências humanas e sociais. Estudiosas feministas Negras no Caribe e na América Latina, como Ochy Curiel e Yuderky Espinosa Miñoso (da República Dominicana, que agora vive Colômbia), estão desenvolvendo análises do “*feminismo descolonial*”

ao lado de uma trajetória concomitante—mas raramente cruzada—de análises sobre o feminismo comunitário Indígena através de escritoras como Silvia Rivera Cusicanqui (Bolívia) e María Lugones (Argentina). Esses vínculos entre feministas Afrodescendentes e Indígenas ainda são incipientes, mas podem se beneficiar de diálogos e lutas em torno de paradigmas de conhecimento, locais e métodos de cuidados; confrontando o feminicídio anti-Negros e Indígenas e os ataques transfóbicos; pressionando pela abolição da polícia e das prisões, enquanto fomentam a recuperação de terras e remigração, entre outros.

Essa antologia também contribui para uma demanda crescente pelo papel específico dos *Black feminist translation studies* (estudos sobre tradução do feminismo Negro) no campo interdisciplinar mais amplo (descolonizador) da tradução. Desde a conferência PEN “*World of Translation*” (O Mundo da Tradução) de 1970 até a conferência PEN “*Translating the Future*” (Traduzindo o Futuro) de 2020, a participação de escritories e tradutores do Sul Global aumentou dramaticamente.⁹ No entanto, centralizar o trabalho de mulheres da diáspora Africana e de trabalhadoras culturais de gênero não-binários, ainda é insuficiente. Como argumenta Christen Smith, devido a uma “tendência de enfatizar demais as experiências das mulheres Negras de língua inglesa dentro deste projeto global... as mulheres Negras na América Latina têm sido silenciadas... que fizeram intervenções teóricas e filosóficas significativas que poderiam potencialmente mudar a maneira como pensamos sobre a política racial de gênero transnacionalmente”.¹⁰

No entanto, o trabalho contemporâneo sobre *Black feminist translation studies* nas Américas e no Caribe está atualmente emergindo em uma variedade de fóruns. Isso inclui: um jornal

9 → The World of Translation Papers Delivered at the Conference on Literary Translation Held in New York City in May 1970, (New York: P.E.N. American Center, 1971).

10 → Christen Anne Smith, “Towards a Black Feminist Model of Black Atlantic Liberation: Remembering Beatriz Nascimento,” *Meridians* 14, no. 2, African Descendant Feminisms in Latin America, Pt. II: South and Central America and the Spanish-Speaking Caribbean (2016): 71-87, <https://doi.org/10.2979/meridians.14.2.06>.

Meridians de 2016,¹¹ várias antologias comparativas,¹² recuperações de histórias culturais de mulheres Afrodescendentes,¹³ interpretações de feminismos Negros como tradução,¹⁴ avaliações de como as línguas Africanas são traduzidas em discursos europeus¹⁵ e as críticas de como os paradigmas coloniais europeus de gênero são desafiados pelos marcos feministas Africanos.¹⁶

[Falado em Inglês]: Este projeto está criando raízes no solo onde compartilhamos muitos anos de colaboração. Tem sido um esforço emocionante e também intrincado, trabalhar em posicionalidades de etnia, gênero, afiliação institucional e precariedade nos EUA, Caribe e América Latina. Isso com plena consciência das contradições que Tito expôs anteriormente. Nossas reuniões online são (pelo menos) trilingues, em diferentes idiomas, fusos horários, acessos a financiamentos, empregos e internet. Agora Layla e Violeta vão compartilhar mais a fundo como estamos fazendo essa pesquisa e selecionando materiais para a antologia.

Layla Zami [falado em Inglês]: Eu começo compartilhando as possibilidades que este trabalho nos traz e alguns dos desafios que encontramos. Estamos trabalhando em um escopo muito amplo—em termos de espaço e tempo—e a maneira como estamos espalhados conectando-nos pelo Zoom pode ser uma grande oportunidade. Este é o feminismo do século 21. Eu aprecio o fato de que estamos nos

11 → Sonia E. Alvarez, et. al., "Translations across Black Feminist Diasporas," *Meridians: feminism, race, transnationalism*, vol. 14, no. 2, 2016, p. v-ix.

12 → Sonia E. Alvarez, et al. *Translocalities/Translocalidades: Feminist Politics of Translation in the Latin/a Américas*. Duke University Press, 2014; Gladys Mitchell-Walthour and Elizabeth Hordge-Freeman, *Race and the Politics of Knowledge Production: Diaspora and Black Transnational Scholarship in the United States and Brazil*. Palgrave Macmillan, 2016.

13 → Rosario Méndez-Panedas, *Historias de Mujeres Puertorriqueñas Negras*. Editorial EDP University Press, 2020.

14 → Kirsten T. Edwards, "Stories of Migration: Passing Through, Crossing Over, and Decolonial Transgressing in Academyland." In *Black Women's Liberatory Pedagogies: Resistance, Transformation, and Healing Within and Beyond the Academy*. Palgrave Macmillan, 2017.

15 → Tomi Adeaga, *Translating and Publishing African Language(s) and Literature(s): Examples from Nigeria, Ghana, and Germany*. IKO Press, 2006.

16 → Oyèrónkẹ Oyěwùmí, *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997).

conectando em todo o continente. Como minha amiga AnouchK me lembra, devemos estar atentos ao que chamamos de EUA e ao que chamamos de América. Especialmente em francês e em outros idiomas, as pessoas tendem a dizer América quando se referem aos EUA. Com a ilha de Martinica, onde nasceu minha mãe—uma das últimas colônias ainda pertencentes à França—testemunhei um foco constante na antiga metrópole da França. Ainda existem obstáculos estruturais para as conexões entre a Martinica e as ilhas vizinhas do Caribe. Portanto, sou grata que, como parte deste projeto, podemos criar essas conexões.

Em termos de tempo da antologia, estamos focados em valorizar o legado do Feminismo Negro. Algumas das autorias já são figuras históricas bem conhecidas. Outras são autorias e ativistas que ainda estão vivas. Achamos significativo incluir uma variedade na coleção e não apenas publicar pessoas que estão do outro lado do arco-íris (é por isso que convidamos autorias como AnouchK Ibacka-Valiente e Widad Amra para contribuir).

Agora, em relação a alguns dos desafios que encontramos. Em primeiro lugar, tivemos muitas discussões sobre a estrutura: poderíamos fazer por temáticas ou por idiomas – e, como vocês podem ver, o escopo é muito amplo. Temos quatro idiomas e todos os textos serão publicados em cada um dos quatro idiomas. Mesmo que tentássemos estar cientes, foi difícil navegar pelo viés colonial que faz parte de nossa socialização – especialmente aquelas pessoas como nós socializadas no Ocidente. No caso das seleções francófonas, é preciso fazer um esforço extra para sair desse viés colonial. Para dar um exemplo, quando você faz pesquisas sobre estudos feministas Negros na Martinica, você vê que a linha de cor ainda é muito real. Suzanne Césaire aparece mais e autorias de pele clara são pessoas mais conhecidas; há mais material sobre essas pessoas. Então, como estamos em época de pandemia, as pesquisas começaram principalmente na internet, e rapidamente me senti frustrada – não sei se posso falar por todos. Fiquei grata por poder viajar a Martinica e fazer algumas pesquisas para as seleções francófonas. Visitar o arquivo na Martinica foi uma parte muito

importante desse trabalho, que relatei es mis *compas*. Foi muito enriquecedor, comparando com pesquisas feitas apenas na internet.

Embora não queiramos compartilhar a coleção inteira, mas sim dar uma impressão, vamos agora destacar um exemplo das seleções francesas e outro da inglesa (temos muito mais autories no sumário, mas queremos manter vocês animades, assim como nos preocupamos com a propriedade intelectual).

A pessoa que destacamos para as seleções francófonas é Paulette Nardal. Você pode vê-la aqui, e esta placa dedicada às irmãs Nardal foi recentemente colocada em Paris. [Quantas pessoas aqui na sala e online já ouviram falar dela? Muitos não no chat, e apenas alguns aqui na sala, a maioria ainda não.] Isso é muito típico de nossos estudos, você talvez não esteja familiarizado com o trabalho dela. Enquanto, se digo Aime Cesaire, estou certa de que muitos de vocês o conhecem pelo movimento da Negritude. O interessante é que as irmãs Nardal organizavam salões em Paris onde as pessoas se reuniam, e foi aí que o movimento Negritude realmente se originou. Nardal e outras mulheres inspiraram pessoas como Aime Cesaire. Na Martinica, Paulette Nardal é bastante conhecida, mas não tanto fora dela. Poderíamos falar muitas coisas sobre ela.

Ter a chance de pesquisar o arquivo que contém seu material, na Martinica, o desafio foi selecionar o que iríamos imprimir na antologia. Tivemos muitas discussões. No arquivo, você pode encontrar, por exemplo, trocas de cartas com Leopold Senghor—que foi presidente do Senegal e conhecido cofundador do movimento Negritude. Você também encontrará uma carta da Martinica para o governador francês, em que se pede uma indenização por invalidez, o que não era comum na época. Durante a Segunda Guerra Mundial, Paulette Nardal viajou em um barco da Martinica para a França, que foi bombardeado pela Alemanha nazista. Isso lhe causou uma deficiência vitalícia. Também quero destacar o fato de que ela tinha seis irmãs — e a única que não era casada e dizia que o casamento não era para ela. Eu li *queerness* em sua biografia, mas ela geralmente não é apresentada dessa maneira.

O destaque para a seleção inglesa é a correspondência entre Pat Parker e Audre Lorde. Há belos trechos de uma troca de cartas entre elas. Nesta foto você pode ver Audre Lorde (com o chapéu) e sua parceira Gloria Joseph, e à direita você vê duas feministas Afro-alemãs muito importantes – Ika Hgel Marshall e May Ayim. Gosto dessa foto porque mostra as solidariedades feministas em todo o mundo entre os EUA, a Alemanha e outros países. May Ayim nos deixou muito cedo, ela morreu muito cedo. Oxana Chi criou uma performance dedicada a ela, na qual estou envolvida. E Ika viveu até seu aniversário de 80 anos, recentemente dançou em sua festa de aniversário— era uma amiga muito querida e minha mentora, e nos deixou recentemente em Berlim. Com esta carta como exemplo, esperamos encorajar todos nós a pensar – o que estará no arquivo de nossa geração? Agora temos e-mails e é lindo, mas estamos arquivando nossas trocas? E como nossas trocas são diferentes agora porque não escrevemos mais cartas umas para outras?

Violeta Orozco Barrera (Falado em Espanhol): Para mim, como escritora, tradutora e editora, as antologias decoloniais feministas Negras nas Américas e no Caribe nos deram uma linguagem e uma prática de libertação para, urgentemente, disseminar, traduzir e circular nas Américas. Esse tipo de conhecimento é complexo, avançado e requer a captação de um novo público, a capacidade de novas leitórias. [Falado em Inglês]: Colaborar com Layla e o restante do coletivo editorial foi um processo inspirador de descoberta, onde selecionamos textos que articulam a consciência interseccional e as epistemologias radicais das feministas Afrodescendentes nas Américas. Isso inclui não apenas textos, mas também – como Layla mencionou – projetos artísticos e performativos que trabalham para dismantelar imagens colonizadas de sujeitos Negros, femininos, trans e não-binários. Isso envolve lidar com a identidade racial em diferentes contextos coloniais, por exemplo – como Tito mencionou – a narrativa assimilacionista da *mestizaje* que apaga a identidade Afrodescendente no México, na América Latina e no Caribe, o movimento anticolonial da Negritude no mundo francófono, e a

Afro-Latinidade conforme conceituada por Miriam Jimenez Roman em *The Afro-Latin@ Reader*.¹⁷

A curadoria desta antologia envolveu a busca de textos que em cada tradição literária inovaram e se valeram de gêneros em culturas impressas que forneceram um recipiente para essas formas emancipatórias radicais em cada idioma, incluindo poesia, textos testemunhais, manifestos, ensaios filosóficos, etc. A natureza multilíngue e transnacional desta antologia é um dos valores centrais que enfatizamos neste projeto. A ponte entre quatro tradições literárias diferentes envolve colaborações entre es editories, alguns de nós também tradutories, que tentam tornar os textos de uma tradição literária ou cultural mais acessíveis em outra.

No caso da tradição Afro-hispânica, tentamos incluir escritories e pensadores do Caribe e da região transcaribenha, menos representados nas antologias canônicas publicadas por grandes editoras transnacionais. [Falado em espanhol]: Nosses pensadores mais perspicazes não são encontrados apenas em antologias literárias ou artigos acadêmicos, mas em comunidades artísticas e performativas que buscam formar comunidades anti-hegemônicas e anti-heterossexistas.

[Falado em Inglês:] Alguns dos desafios, conforme articulou Layla, é estabelecer critérios de seleção claros e homogêneos em diferentes tradições literárias e culturais. A disponibilidade de textos Afrodescendentes Latino-americanos e Caribenhos é limitada pelas redes de publicação e circulação desiguais desses países, bem como pelos diferentes graus de prestígio/hegemonia linguística das quatro línguas coloniais com as quais trabalhamos. Assim, várias das antologias Afro-hispânicas estavam disponíveis em tradução, como *Daughters of the Diaspora* compilada por Miriam de Costa Willis, mas não na língua original.¹⁸ Ou, muitas das antologias consultadas, como *Negras Somos! Antología de 21 mujeres poetas afrocolombianas de la región pacífica*, foram, muitas vezes, publicações de edição única

17 → Jiménez Román Miriam and Juan Flores, eds., *The Afro-Latin@ Reader : History and Culture in the United States*. Durham: Duke University Press, 2010).

18 → Miriam deCosta-Willis, ed., *Daughters of the Diaspora: Afro-Hispanic Writers* (Kingston: Ian Randle Publishers, 2003).

e não amplamente distribuída fora de seu país de origem.¹⁹

Esta antologia abrange uma ampla seleção de escritoras feministas Negras contemporâneas, incluindo filósofas pioneiras como Sylvia Wynter, acadêmicas icônicas como Saidiya Hartman e M. Jacqui Alexander na(s) tradição(s) anglófona(s). Para as seleções espanholas, focamos no Caribe e na região transcaribenha com escritores de vários gêneros como Yolanda Arroyo Pizarro, poetas como Mary Grueso Romero e acadêmicas como Esther Pineda.

A inclusão de escritories com diferentes níveis de leitories como Maryse Conde e Suzanne Cesaire, bem como ativistas contemporâneos e escritories das diásporas como AnouchK Ibacka Valiente, na escrita francófona, mostra o alcance de uma seleção que busca honrar os diversos legados de cultura e trabalho de conscientização. Isso mostra a vanguarda das epistemologias, visões de mundo, pedagogias e metodologias feministas Negras para a libertação global, e sua injunção urgente para reescrever a história das Américas com mulheres Negras, femmes, queer e pessoas trans no centro da produção discursiva e na transformação cultural.

Mary Grueso Romero é uma das pioneiras da poesia Afro-colombiana. Seu trabalho como escritora ativista tem sido reconhecido nacional e internacionalmente, e várias de suas traduções têm circulado em revistas acadêmicas e literárias nas Américas. Como acontece com muitos outros escritories Afrodescendentes Latino-americanos, queer e trans, seu profundo envolvimento comunitário e organização em torno de questões feministas Afrocolombianas é raramente reconhecido. Esse também é o caso de muitos poetas Afro-latino-americanos que usam a poesia como um veículo para a construção de comunidades. O estudo de Shirley Campbell sobre ancestralidade, gênero, saúde reprodutiva e a disseminação de sua poesia nas organizações de mulheres, bibliotecas públicas e apresentações é um exemplo de seu alcance como ativista do movimento Afrodescendente na

19 → Guiomar Cuesta Escobar and Alfredo Ocampo Zamorano, eds., *Negras Somos! Antología de 21 mujeres poetas afrocolombianas de la región pacífica* (Cali: Programa Editorial Universidad del Valle, 2008).

América Central.

Muites dessas escritories também são pessoas ativas nas lutas por justiça linguística e epistêmica. Por exemplo, incluímos a feminista Afrobrasileira Lélia Gonzalez, que nos ensina como a tradução de feministas Negras latino-americanas é central para a disseminação da produção de conhecimento no sul global e a circulação de genealogias intelectuais e políticas de mulheres Negras escritas em outras línguas e fora do Estados Unidos. González nos ensina que práticas de citação radicais envolvem ler, analisar e citar mulheres Negras, femmes e pessoas trans que publicam fora das redes acadêmicas e escolares convencionais. É por isso que as seções de Espanhol e Português incluem tantos poetas, porque a poesia tem sido um meio de produção de conhecimento e construção de coalizões fora dos salões elitistas da academia. Poetas como Lubi Prates podem abrir um espaço discursivo para falar sobre corpos Negros para além de idiomas, nações ou fronteiras restritivas.

Para engajar uma práxis radical de produção de conhecimento, devemos ler atentamente, analisar criticamente e intencionalmente citar mulheres Negras que estão escrevendo fora dos Estados Unidos e em vários idiomas.

[À medida que este projeto de antologia continua, convidamos es amigues e *compis* a nos dar feedback em Black.Feminist.Studies@gmail.com, com sugestões de feministas Negras que escrevem em Inglês, Crioulo/Francês, Português e Espanhol nas Américas e no Caribe, e que deveriam fazer parte da antologia. Queremos que este recurso seja pedagogicamente útil—assim como bonito—tanto na sala de aula quanto na sala de estar, no estudo individual e coletivo. Celebramos a expansão dos estudos feministas Negros e que, ao atravessar as barreiras da nação e da língua e ao inverter o foco do Norte para o Sul, antecipemos que eles serão um farol e uma bússola para nossas direções liberatórias coletivas.]■